



## O DISCURSO DO/SOBRE O SUJEITO-INDÍGENA: MEMÓRIA E SILENCIAMENTO EM TORNO DO QUE É “SER INDÍGENA” NA ATUALIDADE<sup>1</sup>

André Cavalcante<sup>2</sup>

Neste trabalho, pretendo refletir sobre o funcionamento do político na relação entre memória e o silenciamento no imaginário sobre o que é “ser indígena” na atualidade a partir dos fundamentos teóricos-metodológicos da Análise do Discurso. Para tanto, o *corpus* desta pesquisa é de caráter heterogêneo, composto de dois livros da coleção *Índio na visão dos índios*<sup>3</sup>, com textos escritos por dois povos indígenas brasileiros. Quais sejam: Os Fulni-ô, de Pernambuco, e os Potiguara, da Paraíba. Além dos recortes desses livros, foram selecionadas sequências discursivas, de materialidades escritas e imagéticas, encontradas em matérias da mídia tradicional, da mídia alternativa e de perfis de militância (pró) indígena do Facebook, para representar o discurso sobre esses povos. Em função deste recorte, trago apenas 3 sequências discursivas que fazem parte do arquivo de pesquisa.

A partir da temática aqui proposta, surgem os seguintes questionamentos: Quais efeitos de sentidos estão se sedimentando ou já estão cristalizados nesses dois tipos de discurso em torno da figura do indígena? Como a memória e o silenciamento estão presentes nessas discursividades? Qual relação se dá entre o político, a memória e o silenciamento nos discursos do/sobre o indígena?

Por questões metodológicas, temos, aqui, a SD1, representando um excerto do livro *Índio na Visão dos Índios: Fulni-ô*, a SD2, um recorte do segundo livro, *Índio na visão dos Índios: Potiguara*, livros organizados pela ONG Thydewa, e publicados nas redes sociais; já a SD3 representa os discursos recorrentes no espaço virtual. Seguem as análises:

**SD1. Antes o índios vivia da caça e tinha as ervas para se curar. Os antigos eram mais corajosos, mais fortes, mais guerreiros, hoje somos mais fracos, mais calmos, mais pacientes, por isso sofremos. A “civilização” continua nos discriminando.**

Em SD1, o indígena traz alguns pontos relevantes sobre a identidade no que se refere às mudanças dos hábitos indígenas, isto é, o que eles faziam no passado e que hoje não fazem mais.

<sup>1</sup> Este trabalho é um recorte da dissertação de mestrado intitulada *O imaginário em torno do “ser índio” no Discurso do/sobre o Sujeito-indígena: Entre o Assujeitamento e a Resistência*, defendida na UFPE em fevereiro de 2017, sob orientação da professora dra. Evandra Grigoletto.

<sup>2</sup> Doutorando em Estudos de Linguagem pela UFF, Mestre em Linguística pela UFPE. Contato: acbs.cavalcante@gmail.com

<sup>3</sup> Estes livros fazem parte de um projeto que envolve várias etnias com o objetivo de que os indígenas atuem como jornalistas, historiadores, antropólogos, fotógrafos e contem suas próprias histórias, sendo uma realização da ONG Thydêwá, presidida por Sebastien Géric, na qual participam indígenas de várias etnias e não-indígenas, com o objetivo de, segundo eles, promover uma consciência planetária com diálogo intercultural e valorização das diversas culturas e conhecimento com paz e harmonia entre todos os povos. Livros de outros povos e com outros temas como a mulher indígena, a terra, a arte e artesanato indígena podem ser encontrados no link <http://www.thydewa.org/downloads1/> (acesso 23/11/2016)



Observa-se, portanto, que, no percurso da história da colonização brasileira, as condições de produção mudaram, o que fez com que a forma de subjetivação indígena fosse outra. Em outras palavras, ser sujeito, assumir uma posição no discurso, não é possível sem estar inserido sócio-historicamente numa formação social; assim, a depender das condições de produção, os sujeitos são interpelados de maneiras diferentes. Esse fato é demonstrado no paralelo entre as características do índio da atualidade *versus* os antigos, que pode ser vista na tabela de uma forma quase antagônica. Para tal indígena, essas mudanças não são positivas, pois, a partir delas, “sofremos”. Fica não dito, portanto, que, para esse sujeito, seria necessário “ser como os antigos”.

Ao trazer civilização entre aspas, esse sujeito-indígena critica a forma como os não-indígenas se denominam, pois, suas ações, na visão indígena, não são tão dignas de povos civilizados. Além disso, em seguida, critica essa civilização, que na verdade foi uma domesticação, trazendo à tona, ao aspear tal palavra, a memória da colonização em que indígenas foram mortos, escravizados e tiveram suas terras tomadas. Essa retomada se dá através da heterogeneidade discursiva (AUTHIER-REVUZ, 1998), para trazer a voz do outro, a quem se está resistindo. Falar sobre o outro, “civilizado”, homem “branco”, é algo que sempre está presente no discurso dos indígenas, sendo assim, uma marca identitária da cultura indígena que, necessariamente, está atravessada pela cultura do homem branco.

Sobre a história da convivência entre diferentes povos no Brasil, muitos sentidos são silenciados, assim, a memória é constituída de esquecimentos, mas também de silenciamentos (ORLANDI, 2015). Assim, muitos dizeres sobre o homem “branco” e o indígena são interditados, não podem mais ecoar sentidos, sendo, portanto, impedidos de serem formulados no discurso. Em alguns momentos, esses fios discursivos, brechas e resistências encontram um espaço no dizível e retornam às redes discursivas.

**SD2- Muitos povos indígenas sofrem preconceitos pelo simples fato de serem índios, morarem em aldeias, andar nus. Os indígenas da região Nordeste são alvo de preconceito justamente por não se enquadrarem no perfil do índio idealizado pela sociedade brasileira. Nós índios somos muitos povos, com culturas diversas, vivenciando processos históricos diferentes. Então, não somos iguais. Nossa diversidade é o que enriquece a cultura indígena e consequentemente a cultura brasileira. Não estamos mais isolados nas aldeias, vivemos no mundo em que todos vivem. Podemos fazer tudo que o não índio faz sem esquecer nossas raízes. p. 52**

O funcionamento das formações imaginárias também entra em cena quando se pensa na identidade indígena. Assim, as antecipações, materializadas na pergunta *quem ele pensa que eu sou para eu falar assim?*, traz, na SD2, de forma semelhante ao que ocorreu na SD anterior, a imagem que o indígena tem de si, assim como a imagem que, para eles, os não-indígenas têm dos indígenas. Nesse jogo discursivo, o sujeito-potiguara já constrói seu discurso baseando-se nessas antecipações, dizendo que “Nós índios somos muitos povos, com culturas diversas, vivenciando processos históricos diferentes.” Neste sentido, podemos relembrar o que Orlandi (2008) falou sobre a oposição



entre diferentes povos na constituição da identidade dos indígenas e na imagem que estes têm de si, mostrando também a mudança desses sujeitos no decorrer do tempo. Para os indígenas, “podemos fazer tudo o que o não índio faz sem esquecer nossas raízes”. Então, viver em contato com a cultura do outro, sem abandonar a cultura nativa, afirmando-se como indígena, é uma maneira de resistência às formas de subjetivação no mundo moderno,

SD3<sup>4</sup>

há um ano

Índio de verdade é aquele que vive dentro do mato sem nenhum acesso a sociedade moderna, a partir do momento em que ele passa a conviver com a sociedade não pode ser tratado como índio.

10 129 · Facebook Twitter Google+

Nessa SD, o sujeito se desidentifica com a possibilidade de os índios hoje serem diferentes do que já foram um dia. Dessa forma, a imagem que prevalece nesse comentário, e em outros, relacionam o índio ao “não civilizado”. Assim sendo, para esse sujeito, verdadeiros indígenas não têm acesso à modernidade. E “a partir do momento em que ele passa a conviver com a sociedade não pode ser tratado como índio.” Portanto, o indígena referido na matéria, assim como vários outros indígenas que fazem cursos universitários, escrevem textos nas redes sociais, etc não poderiam ser considerados indígenas. Tal SD representa, mais uma vez, um apagamento dos indígenas. Nessa breve análise, observa-se que há o atravessamento do discurso *do* indígena pelo discurso *sobre* o indígena. Dessa maneira, para os indígenas, falar sobre o que é ser índio implica também falar sobre o outro, o homem “branco”, mobilizando, portanto, sentidos que constituem o imaginário social sobre o índio. Essa mobilização de sentido sobre esses sujeitos ocorre via memória, a partir da qual são retomados sentidos do interdiscurso e outros são silenciados, sobretudo os dizeres sobre a colonização em função das condições de produção desses discursos e por estes sujeitos-indígenas estarem numa relação entre o assujeitamento e a resistência. É no batimento entre o assujeitamento do sujeito-indígena ao Estado e a sua resistência, que o político está presente na discursividade, ocorrendo, assim, a divisão dos sentidos sobre o que é ser indígena. No discurso sobre o indígena ainda prevalece sentidos que ora os deslegitima como sujeito, silenciando seus dizeres, sua existência, (re)colonizando seus corpos, enquanto outros, sobretudo nos perfis e sites de militância, somam aos discursos do indígena, mostrando que há uma forma diferente de ser indígena na conjuntura atual.

## REFERÊNCIAS

AUTHIER-REVUZ, J. **Palavras incertas – As não-coincidências do dizer**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1998.

ORLANDI, E. **Terra à vista**- Discurso do confronto: Velho e Novo Mundo. 2ª Edição. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2008.

\_\_\_\_\_. Maio de 1968: Os Silêncios da Memória. In: Achard, P. [et al.]. **Papel da memória**. tradução e introdução: José Horta Nunes – 4ª edição. Campinas, SP: Pontes Editores, 2015.

<sup>4</sup> (Comentário no G1, na página [http://g1.globo.com/sp/sao-carlos-regiao/noticia/2015/04/indigena-diz-que-19-de-abril-nao-existe-estamos-na-historia-todos-os-dias.html?fb\\_ref=Default](http://g1.globo.com/sp/sao-carlos-regiao/noticia/2015/04/indigena-diz-que-19-de-abril-nao-existe-estamos-na-historia-todos-os-dias.html?fb_ref=Default), acesso em 20/07/2016)